

## 4 Uma Experiência de Retorno à Vida

O Plantão Psicológico iniciou suas atividades na Fazenda da Esperança em 2006, fato citado anteriormente. Deste modo, a partir de 2009 insere-se a atividade do Serviço Social juntamente com o serviço já existente da Psicologia, aumentando o número de profissionais, com o olhar sobre o dependente químico. Desta maneira, a escolha do ano de 2009 deu-se por essa razão, a fim de poder obter mais dados e informações acerca deste, a fim de facilitar uma melhor compreensão do fenômeno que se deseja investigar.

No ano de 2009, iniciaram o processo de entrada na Fazenda da Esperança de Manaus, comprometendo-se em permanecer nesta por um ano, com o objetivo de recuperar-se do uso abusivo de álcool e outras drogas 155 (cento e cinquenta e cinco) pessoas, do gênero masculino. Desse total de pessoas, 57 (cinquenta e sete) conseguiram concluir o tratamento (permanência de 12 meses) na Fazenda da Esperança.

Deste universo de homens, 114 (cento e quatorze), compreendendo 73% do número de pessoas que adentraram a Fazenda da Esperança neste ano, passaram pelo atendimento do Plantão Psicológico. Sendo que destes, 92 (noventa e dois) pessoas retornaram ao atendimento, totalizando 206 (duzentos e seis) atendimentos realizados pelo Plantão Psicológico, no ano de 2009. Vale ressaltar, que os residentes, procuram de maneira espontânea e livre os atendimentos da Psicologia.

Deste modo, na elaboração do perfil, foi realizada a leitura dos 114 (cento e quatorze) prontuários de atendimentos, desses residentes atendidos no Plantão Psicológico, em 2009. Dessa maneira, foi possível obter um melhor entendimento, dos residentes da Fazenda da Esperança, nesse ano, e deste modo, apreender quem é o residente. Sendo assim, durante a coleta de dados, classificaram-se em categorias o perfil, para se obter uma melhor compreensão desse universo a ser pesquisado, a fim de que se possam conhecer as nuances desse residente que se interna e solicita ajuda a fim de, possibilitar transformação à sua existência e possibilidades de recuperação.

## 4.1 Perfil do Residente da Fazenda da Esperança

Dessa maneira, baseados nos prontuários dos atendimentos de 2009 destacaram-se os dados acerca do perfil do residente da Fazenda da Esperança, da seguinte maneira: em relação à Idade, em relação ao Estado Civil, em relação à Quantidade de Filhos, em relação à Naturalidade, em relação à Escolaridade, em relação à Prática Religiosa, em relação à Profissão e em relação à Região onde habitam. A apresentação dos dados em gráfico tende a facilitar a leitura, a compreensão e a visualização do residente da Fazenda da Esperança, seguida de comentários acerca de cada categoria para enriquecer o entendimento do que se pretende mostrar.

Em conseqüente, será apresentada a análise do vivido do residente da Fazenda da Esperança, atendido pelo Plantão Psicológico, no ano de 2009, na cidade de Manaus, que se dará de maneira a interpretar a vivência de um dos residentes acerca dos atendimentos realizados. O trânsito em suas experiências das mais triviais as mais sacras, será descrito, e logo em seguida, será exposto às unidades de significação e a compreensão psicológica destas unidades, segundo análise do método fenomenológico, de acordo com os estudos de Amedeo Giorgi (1988). Vale ressaltar, que este residente está localizado dentro do perfil elaborado nessa pesquisa.

### **EM RELAÇÃO À IDADE**

No gráfico1 pode-se observar no que diz respeito a idade dos homens que entraram na Fazenda da Esperança de Manaus, em 2009, do universo de 114 que foram atendidos pelo Plantão, a grande parte está na faixa etária que compreende dos 23 aos 27 anos de idade, alcançando 40 dos residentes (35%). Em segundo lugar, compreendendo a faixa etária dos 18 aos 22 anos tem-se 31 residentes (27%). Em terceiro lugar, vislumbra-se a faixa etária entre 28 a 32 anos tendo 18 residentes (16%). Em seguida, encontra-se a faixa etária entre 33 a 37 anos temos 13 residentes (11%). Contudo, na faixa etária entre 38 a 42 anos encontram-se 5 residentes (4%) e, na próxima faixa que compreende dos 43 à 47 anos, 2 residentes (2%). Logo em seguida, temos a última faixa etária compreendendo dos

48 a 52 anos com apenas 1 residente (1%). Desse universo, 4 residentes (4%) não informaram a idade ou não lembraram naquele momento.

**Gráfico 1 - Em relação à idade dos residentes da Fazenda da Esperança de Manaus, atendidos pelo Plantão Psicológico em 2009**



Fonte: Prontuário do Plantão Psicológico da Fazenda da Esperança de Manaus, 2009.

O que se pode observar é que há uma grande procura pela internação entre 18 e 32 anos, pois a grande maioria destes homens se inicia no contexto da drogadição ainda na infância, e sabe-se o efeito devastador dessas drogas nas pessoas, como exposto ao decorrer desta pesquisa. Desta maneira, tendo experimentado diversas drogas, e as alterações que a mesma causa no indivíduo, eles já procuram ajuda na idade jovem. Sem contar, aqueles que se envolvem com o tráfico, com furtos e outros delitos, com homicídios, e experimentam os mais terríveis sentimentos de exclusão, de abandono, rejeição por parte da família, da sociedade, e de si mesmas. E deste modo, muitos delas, sentem uma enorme necessidade de resgatar o que fora perdido e roubado de sua existência.

Seguem alguns trechos de relatos, onde os internos relatam essas situações descritas:

“Quando era pequeno meu pai fritava a folha da maconha como se fosse ovo, aquele cheiro não era bom, mas aos poucos foi fazendo parte do meu dia-a-dia, eu tinha 5 anos e experimentei com 7 anos a maconha pela primeira vez. Depois a gente vai evoluindo, hoje estou no oxí” (SIC<sup>6</sup>).

“Eu comecei na droga muito novo, porque perdi meu pai, a vida era muito triste. Isso foi aos 9 anos” (SIC).

“Muitas vezes eu precisei vender pros caras, para ter dinheiro para usar, mas quando a gente se vicia aí eles cortam a gente” (SIC).

“Eu me envolvi com tudo o que não prestava nessa vida: roubei, esfaqueei, matei, vendi drogas, abusei de mulheres, bebi, usei muito, mas muita droga mesmo. Só que chega uma hora que o cara não agüenta mais essa vida, aí é hora de parar e tentar resgatar tudo o que a droga roubou” (SIC).

## **EM RELAÇÃO AO ESTADO CIVIL**

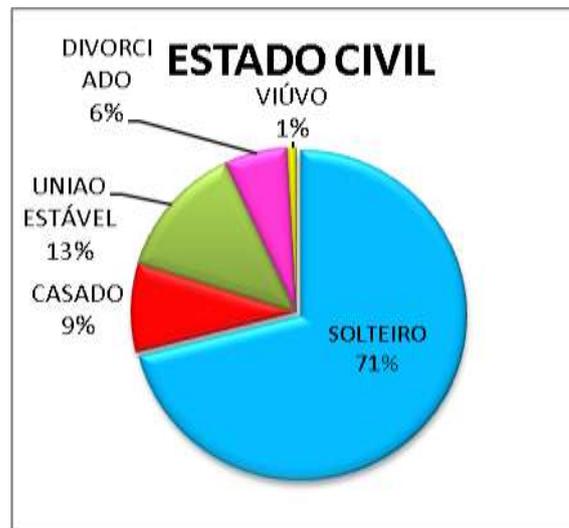
Em Direito, Estado Civil é a situação de uma pessoa em relação ao matrimônio ou à sociedade conjugal. De acordo com o Código Civil os possíveis estados civis são:

- Solteiro (a) - quem nunca se casou, ou que teve o casamento anulado.
- Casado (a) - quem contraiu matrimônio, independente do regime de bens adotado.

---

<sup>6</sup> SIC- sigla que designa: Segundo Informação do Cliente.

**Gráfico 2 - Em relação ao Estado Civil, dos residentes da Fazenda da Esperança de Manaus, atendidos pelo Plantão Psicológico em 2009**



Fonte: Prontuário do Plantão Psicológico da Fazenda da Esperança de Manaus, 2009.

- Separado (a) - quem não vive mais com o cônjuge (vive em separação física dele), mas que ainda não obteve o divórcio, todavia obteve sentença que deliberou por decretar a separação judicial dos cônjuges ou participou de uma escritura pública que lavrou-lhes a separação, cessando, assim, os deveres oriundos da sociedade conjugal.
- Divorciado (a) - após a homologação do divórcio pela justiça ou por uma escritura pública.
- Viúvo (a) - pessoa cujo cônjuge faleceu.

A união estável, condição de convivência entre pessoas que não possuem impedimento ao casamento, é legalmente reconhecida e considerada como entidade familiar não registrada. Apesar de legalmente reconhecida, a união estável não está definida na legislação brasileira como um estado civil. Quem assim vive, portanto, não é obrigado a identificar-se como tal e não falta com a verdade ao se declarar solteiro, separado, divorciado ou viúvo. Já a convivência entre homem e mulher que estejam impedidos de se casar é denominada Concubinato.

Desta maneira, no universo pesquisado observa-se, que a grande maioria encontra-se solteiro (81 pessoas- 71%), muitas vezes até mesmo por já ter sido

casado e separado de seus cônjuges. A maioria não se considera separado, mas solteiro. Por outro lado, pelo fato, da grande maioria ter iniciado o uso de drogas e/ ou álcool muito cedo, não conseguiram constituir família, por estarem em uma situação de muita vulnerabilidade, e não estarem disponíveis a exercer tal escolha naquele momento.

Em segundo lugar encontram-se 15 pessoas em situação de união estável (13%). De acordo com o Código Civil de 2002, no artigo 1.723 dispõe que, é reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família.

No universo da pesquisa, 10 residentes (9%) dos pesquisados encontram-se casados. De acordo com o mencionado Código Civil de 2002, o artigo 1.514 dispõe que, o casamento se realiza no momento em que o homem e a mulher manifestam, perante o juiz, a sua vontade de estabelecer vínculo conjugal, e o juiz os declara casados. Ainda relata no artigo 1.511 que, o casamento estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges.

Encontram-se ainda, 7 residentes divorciados (6%), de acordo com o Código Civil, no que tange o artigo 1.571 no parágrafo 1º com o casamento só se dissolve pela morte de um dos cônjuges ou pelo divórcio. No artigo 1.572, do mesmo Código, lê-se que qualquer dos cônjuges poderá propor a ação de separação judicial, imputando ao outro qualquer ato que importe grave violação dos deveres do casamento e torne insuportável a vida em comum.

Por último encontrou-se apenas 1 homem viúvo (1%) do universo pesquisado, sendo que este até hoje vive sozinho por não ter ainda conseguido elaborar o luto pela esposa.

Seguem relatos dos atendimentos, com os comentários, em relação ao Estado Civil dos residentes:

“O cara quando tá na droga, não quer saber de mulher não, só para transar mesmo, mas para casar, fazer família não, o cara quer mais é tá sozinho por aí nas ondas, ter varias mulheres em um dia. Às vezes calha do cara engravidar alguma, aí fica o filho pra ela criar. E assim vai” (SIC).

“Quando a gente usa a droga, muitas vezes a família cansa da gente, e nos abandona. Eu era casado, mas minha mulher se cansou de mim, hoje estou sozinho

no mundo, abandonado, na verdade acho que eu mesmo me abandonei, deixei a droga tomar conta” (SIC).

“Decidi vir para a Fazenda da Esperança para tentar resgatar meu casamento, foi à última chance que minha mulher me deu. Se não for agora, ela vai se separar, pois não agüenta mais, nem eu mesmo agüento. E os nossos filhos? É uma situação muito difícil para todos” (SIC).

No primeiro relato, observa-se o desejo do dependente químico em estar só, apenas curtindo as falsas emoções que a droga e o álcool lhe proporcionam, desta maneira escolhe estar solteiro. Nessa situação, encontram-se 71% dos residentes solteiros nesta categoria.

Em contrapartida no segundo relato, o residente era casado, e a esposa pediu a separação por não suportar viver mais naquela situação; 6% do universo pesquisado são separados.

No outro caso o residente é casado, mas a esposa não agüenta mais viver a situação, e fornece mais uma chance de mudança e transformação ao marido para que possa recuperar-se e manter o casamento. Caso contrário, ocorrerá a separação. Em 2009 encontramos 22% dos residentes em situação de casados. Sendo 13% união estável e 9% legitimamente casados.

## EM RELAÇÃO À QUANTIDADE DE FILHOS

**Gráfico 3 - Em relação à quantidade de filhos, dos residentes da Fazenda da Esperança de Manaus, atendidos pelo Plantão Psicológico em 2009**



Fonte: Prontuário do Plantão Psicológico da Fazenda da Esperança de Manaus, 2009.

Em relação a quantidade de filhos, encontra-se 44 pessoas não possuem filhos (39%). Fazendo um paralelo com os 81 solteiros, observa-se que muitos solteiros têm filhos, mas não se casaram de fato. Em segundo lugar, têm-se 29 pessoas que possuem apenas 1 filho (25%). Em terceiro lugar, 19 pessoas possuem 2 filhos (17%). Em quarto lugar, há um empate entre os que possuem 3 e 4 filhos, destacando-se deste universo pesquisado 5 homens (4%). Em último lugar, apenas 1 homem (1%) possui 5 ou mais filhos. Desta população, 11 pessoas não desejaram informar se possuíam ou não filhos, totalizando (10%).

Muitos destes residentes que tem filhos, não coabitam com os mesmos, pois como se observou anteriormente, que destes, 9% são casados e 13% tem união estável, totalizando 22%. Fazendo um paralelo entre os que disseram que não possuem filhos e os que não informaram a quantidade de filhos, tem-se 49%. No entanto, do restante, 28% dos residentes possuem filhos, mas não coabitam com os mesmos. Observe-se relatos dos residentes em relação aos filhos:

“É muito complicado, o cara ter filhos. O cara não dá conta nem dele, vai dar conta de ter família! A droga não deixa a gente ter nada, nem família, ela rouba tudo, vai tudo embora, a gente fica só, só não porque a gente fica com o vício, que destrói” (SIC).

“Tive sete filhos, um com cada mulher que passou na minha vida, hoje não moro com nenhuma delas, sou solteiro. O cara nas drogas é assim, parece um viajante, por onde passa vai fazendo filhos. Porque o cara não tá nem aí pra nada, quer ter prazer, aí vem o filho. O cara até para de usar droga por um tempo, por causa do filho, mas é mais forte, e volta tudo” (SIC).

“Quando usamos droga, quem mais sofre é a nossa família. Quero me recuperar para ser exemplo para meus filhos. Tenho 2 filhos, e não quero mais, é muito difícil criar filhos, o mundo é muito mal” (SIC).

“Tive um filho, mas não moro com ele, a mãe dele não quer me ver nem pintado de ouro, aprontei muito pra ela” (SIC).

Nos relatos acima, pode-se observar que, muitos dos residentes não moram com seus filhos. Muitas vezes, sob o efeito do uso mantêm relações sexuais com as mulheres e dessas relações geram os filhos, ficando na maioria das vezes, sob a responsabilidade da mãe. E há ainda, os que não querem ter filhos, pois têm a consciência que não conseguirão cuidar dos mesmos de maneira adequada.

## EM RELAÇÃO À NATURALIDADE

Gráfico 4 - Em relação ao local de nascimento, dos residentes da Fazenda da Esperança de Manaus, atendidos pelo Plantão Psicológico em 2009



Fonte: Prontuário do Plantão Psicológico da Fazenda da Esperança de Manaus, 2009.

Segundo o dicionário da língua portuguesa, compreende-se por Naturalidade a qualidade do que é natural; modo de ser conforme a natureza. Singeleza, simplicidade. A qualidade de ser oriundo de um país ou região; nascimento. A terra onde alguém nasce; a pátria: são todas concepções da mesma naturalidade.

A Carta Magna assegura serem brasileiros, de acordo com seu artigo 12, os natos e naturalizados, dispondo que: são brasileiros, os nascidos na República Federativa do Brasil, ainda que de pais estrangeiros, desde que estes não estejam a serviço do seu país. E aos que, na forma da lei, adquira a nacionalidade brasileira, exigidos aos originários de países de língua portuguesa apenas residência por um ano ininterrupto no Brasil e idoneidade moral. Assim também, os estrangeiros residentes há mais de 15 anos ininterruptos e sem condenação penal, desde que requeiram a nacionalidade brasileira.

Dessa maneira, encontrou-se um percentual de 99% de brasileiros para 1% de estrangeiros. Desses 99% brasileiros, destaca-se 54% (61 pessoas) do estado do Amazonas e os outros 12% (14 residentes) de outros estados.

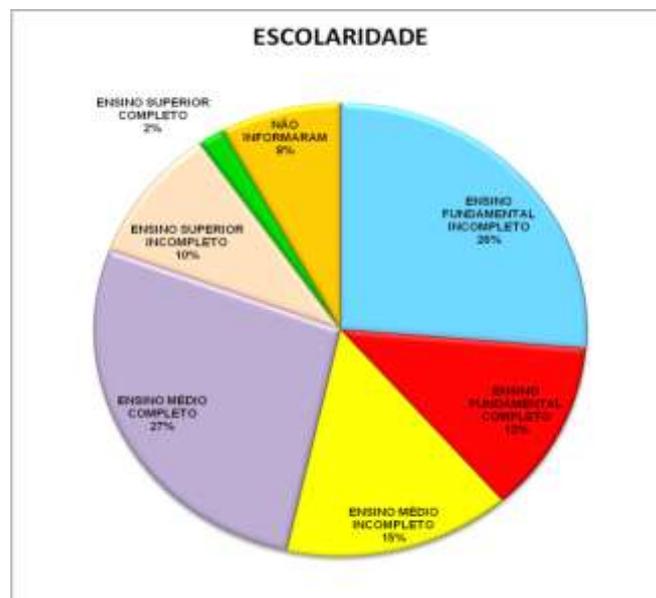
No entanto, 38 residentes (33%) não informaram o local de nascimento, muitas vezes, por não lembrarem e outras vezes por própria vontade não quiseram informar.

Do universo dos 54% de residentes terem se declarado nascidos no Estado do Amazonas, 48 residentes (42%) nasceram na capital, Manaus, e 13 residentes (12%) nasceram no interior do estado do Amazonas. Segue relato em relação ao local de nascimento:

“Tem muita gente que nasceu aqui na capital que usa, mas o bom que aqui tem tratamento. Eu nasci no interior, e moro no interior lá é bem fácil ter acesso às drogas, mas é difícil clínicas de recuperação como a Fazenda da Esperança. Aí o cara precisa vir para a capital para se tratar. O bom é que a gente sai um pouco da cidade pequena, e consegue perceber um monte de coisas fora dela” (SIC).

## EM RELAÇÃO À ESCOLARIDADE

**Gráfico 5 - Em relação à escolaridade, dos residentes da Fazenda da Esperança de Manaus, atendidos pelo Plantão Psicológico em 2009**



Fonte: Prontuário do Plantão Psicológico da Fazenda da Esperança de Manaus, 2009.

Em relação à escolaridade destacam-se em primeiro lugar os 31 residentes (27%) que concluíram o Ensino Médio. Em contrapartida, 30 residentes (26%), não conseguiram completar o Ensino Fundamental, o que reflete que quando o início do uso das drogas e do álcool começa na pré-adolescência, muitos deles

abandonam o estudo e não tem mais o interesse pelo mesmo. Outros iniciam na adolescência e conseguem com muitas dificuldades finalizar o ensino médio.

Neste universo pesquisado encontrou-se ainda, dos 114 residentes atendidos pelo Plantão Psicológico, 14 residentes (12%), que conseguiram completar o Ensino Fundamental e 17 residentes (15%) não alcançaram completar o Ensino Médio. Ainda foi revelado que 11 residentes (10%) iniciaram o ensino superior, mas não o concluíram e 2 residentes (2%), apenas concluíram o ensino superior. No entanto, 9 pessoas não informaram, ou não sabiam dizer sobre a sua escolaridade, totalizando 8% dos pesquisados.

Desta maneira, do universo de pessoas atendidas 41% concluíram algum nível de Escolaridade, ficando os outros 51% sem conclusão da escolaridade. Vai-se observar os relatos dos residentes acerca da escolaridade:

“Frequentei a escola até os 9 anos, sempre fui um bom aluno, líder da turma, era comunicativo. Mas quando fui morar na rua parei de estudar” (SIC).

“Eu terminei o segundo grau, com notas muitas baixas, porque já tava nas ondas, quando fiz o ensino fundamental minhas notas eram ótimas” (SIC).

“Comecei a usar maconha com 12 anos, o meu padastro que me deu, usava na frente da minha mãe. Fui expulso da escola várias vezes, mas nunca reprovei, consegui concluir meu segundo grau” (SIC).

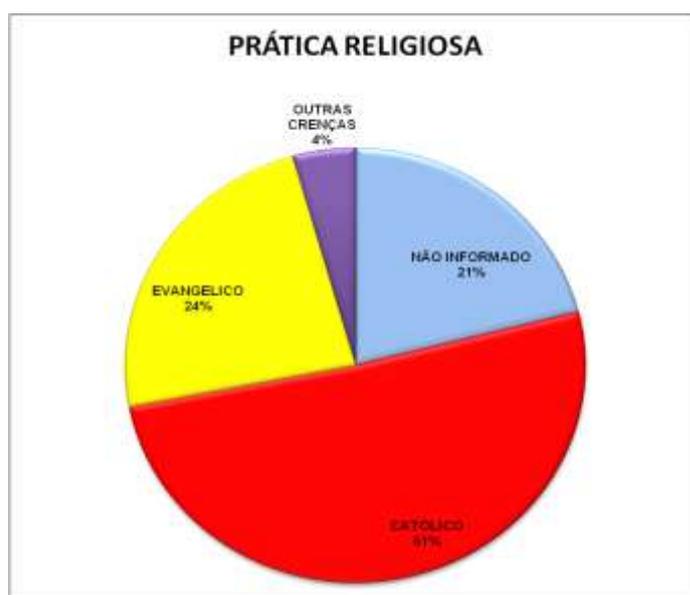
“Sempre tive boas notas, era líder nos grupos, participativo e querido por todos os professores. Lembro que no segundo grau, fui impulsivo com um professor, mas sei lá, saiu de dentro de mim. Não queria a faculdade de Direito, mas terminei os estudos, a droga me deixava mais tranquilo” (SIC).

Com esses relatos podem-se perceber as várias realidades dos residentes, aqueles que não conseguiram concluir o ensino fundamental, como no primeiro relato. Os que concluíram o ensino médio, já com muitas dificuldades, em virtude do uso de álcool e outras drogas. E até mesmo quem conseguiu alcançar ao ensino superior. Muitos apresentam dificuldades em finalizar os estudos, pelo fato de já estarem usando álcool e outras drogas, e sentirem muita dificuldade nas atividades de concentração, atenção, aprendizado, pelos danos que a droga vai ocasionando no organismo do indivíduo que usa, conforme relato:

“O cara quando fica viciado, perde o controle de tudo, até da sua vida. Tudo fica diferente, a memória fica fraca, não consegue se concentrar em nada, só consegue pensar em droga, droga, droga. O único interesse é em estar com a droga, o resto não importa” (SIC).

## EM RELAÇÃO À PRÁTICA RELIGIOSA

**Gráfico 6 - Em relação à prática religiosa, dos residentes da Fazenda da Esperança de Manaus, atendidos pelo Plantão Psicológico em 2009**



Fonte: Prontuário do Plantão Psicológico da Fazenda da Esperança de Manaus, 2009.

Segundo o Direito Canônico, no que contempla a legalidade para a América Latina, no livro um, no Título VI, e no Capítulo 1, artigo 96, dispõe que: Pelo batismo o homem é incorporado à Igreja de Cristo e nela constituído pessoa, com os deveres e os direitos que são próprios dos cristãos, tendo-se presente a condição deles, enquanto se encontram na comunhão eclesial a não ser que se oponha uma sanção legitimamente infligida.

Assim constitui-se o homem dito católico, sendo aquele batizado na Igreja Católica, e o Evangélico quando batizado em alguma das Igrejas Evangélicas. O Católico pode ter apenas um batismo, por outro lado, o evangélico pode ser batizado em várias igrejas desde que assumo ser membro daquela igreja.

A grande variedade cultural observada no Amazonas mostra-se sob diversas manifestações religiosas. Embora tenha se desenvolvido sobre uma matriz social

eminentemente católica, tanto devido à colonização quanto à imigração - e ainda hoje a maioria dos amazonenses se declara católico, é possível encontrar atualmente no estado variadas denominações protestantes diferentes, assim como as práticas do judaísmo, islamismo, espiritismo (o espiritismo tem tido grande avanço em número de adeptos nos últimos anos), entre outras.

Dessa maneira, no universo analisado observou-se que 58 pessoas (51%) têm como prática religiosa o Catolicismo, conforme relata o cliente:

“Eu sou católico e fui batizado na Igreja Católica, mas não freqüentava a missa, pois só tinha tempo para me drogar. Aqui na Fazenda da Esperança é que, comecei a entender o que é religião. Quando estamos no mundo lá fora, o que importa é se temos dinheiro para usar, nada mais” (SIC).

Por outro lado, 28 pessoas (24%) se intitulam evangélicos, sendo das mais variadas igrejas. Por último tem-se 5 pessoas (4%) de outras crenças e práticas religiosas, segue relato: “Eu me converti na penitenciária, quando o irmão foi falar de Deus, é muito doido esse negócio, o cara chora, se arrepende. Por isso, to aqui na Fazenda porque quero ser melhor e me recuperar, e depois ajudar os outros irmãos”(SIC).

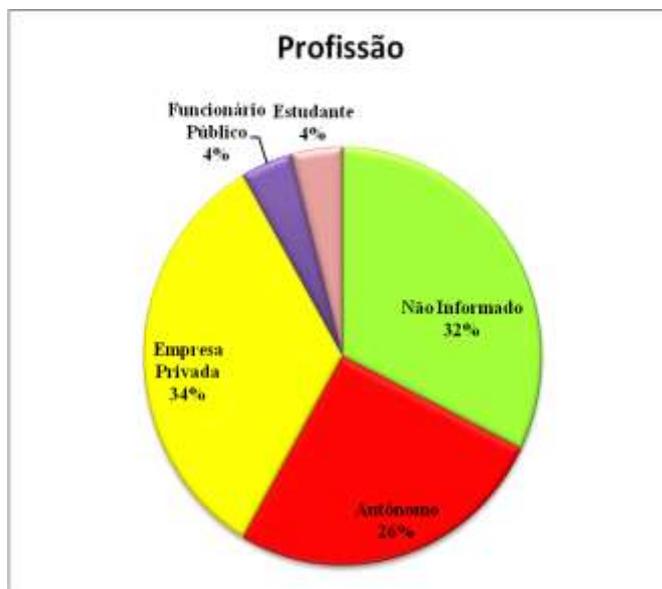
Do universo analisado, 24 pessoas (21%) não informaram qual sua prática religiosa por desconhecimento, ou por não terem nenhuma prática religiosa: “A gente quando está usando droga só lembra de Deus, quando tá correndo da polícia, aí a gente faz um monte de promessas, depois esquecemos dele” (SIC).

Do universo analisado, 4% são de outras religiões, e, 21% não informaram a religião ao qual pertence, ou não quiseram informar por não terem religião. Segue relato:

“No momento não tenho religião, não acredito em nada, mas quando cheguei aqui na Fazenda, senti algo diferente, algo que mexeu comigo aqui dentro. Esse negócio de amar ao próximo, de perdoar, tá começando a fazer sentido, talvez me torne católico um dia” (SIC).

## EM RELAÇÃO À PROFISSÃO

**Gráfico 7 - Em relação à profissão, dos residentes da Fazenda da Esperança de Manaus, atendidos pelo Plantão Psicológico em 2009**



Fonte: Prontuário do Plantão Psicológico da Fazenda da Esperança de Manaus, 2009.

Dos residentes analisados pode-se perceber que a maioria trabalha em empresa privada, alcançando o número de 32 pessoas (34%) que trabalham nas mais diversas áreas, muitos delas, no Distrito Industrial de Manaus. Em consequente depara-se com um grande número de residentes que não quiseram ou não informaram a profissão ou o local onde trabalham, totalizando dessa maneira, 31 pessoas (32%). Segue relato: “Eu trabalho no Distrito, é muito estressante meu trabalho, aí no final de expediente, saio para tomar aquela gelada, o pior é que depois dela vêm a droga, e às vezes fico 3 dias em um motel usando”(SIC).

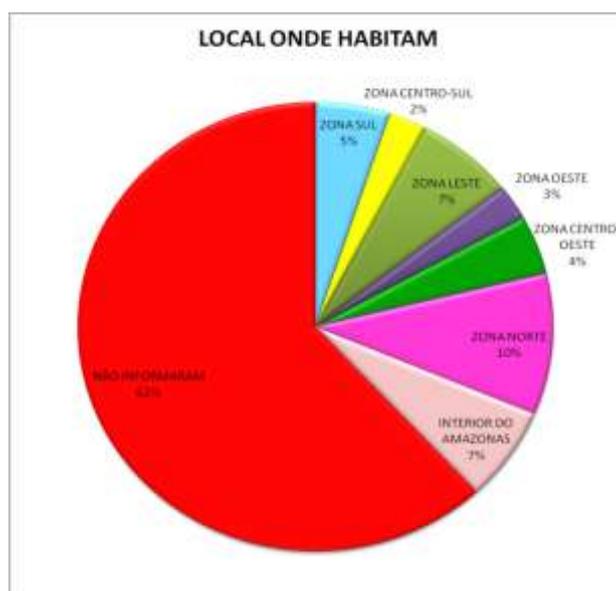
Localizam-se ainda, 25 residentes (26%) que trabalham como autônomos, no mercado informal, nessa categoria podemos encontrar àqueles que sobreviviam com a venda de drogas, para preservar a identidade dessas pessoas elas foram colocadas na categoria de vendedor. Constata-se nos relatos: “Eu vendia droga, não tinha dinheiro pro pão, tinha que ajudar minha mãe, aí comecei a vender, dá lucro, o negócio é quando o cara vicia” (SIC).

Em último lugar encontra-se com os mesmos números, a categoria de estudante e a de funcionário público, ambos com o total de 4 residentes com o percentual de 4% do universo analisado:

“Tenho um bom emprego, estou afastado de lá agora, por licença médica, ainda bem que trabalho no mercado formal, pois sei que tenho alguns direitos, até porque estou aqui me tratando de uma doença. Na repartição pública que trabalho, eles são muito compreensivos, mas sei que estou amparado por lei”(SIC).

## EM RELAÇÃO À REGIÃO ONDE HABITAM

**Gráfico 8 - Em relação ao local onde habitam os residentes da Fazenda da Esperança de Manaus, atendidos pelo Plantão Psicológico em 2009**



Fonte: Prontuário do Plantão Psicológico da Fazenda da Esperança de Manaus, 2009.

No que diz respeito à região onde habitam, realizou-se a compilação dos dados de acordo, com a divisão geográfica do Município de Manaus, instituída pelo Decreto n. 2924<sup>7</sup>, de 07 de agosto de 1995 e redimensionada pela Lei 283, de 12 de abril de 1995. Que teve como base os estudos técnicos realizados pelo Instituto Municipal de Planejamento e Informática – IMPLAN. Desta maneira, Manaus foi dividida em 6 Zonas Administrativas e 56 Bairros. A cidade tem em torno de 420 áreas residenciais, abrangendo conjuntos, condomínios, invasões e loteamentos. Sua população total é de 1.282.310 habitantes, e a área total de 377,4 km<sup>2</sup>. Destarte, a cidade de Manaus ficou dividida dessa maneira:

<sup>7</sup> DECRETO Nº 2924, DE 07 DE AGOSTO DE 1995. Publicado no Diário Oficial nº28. 253 Anos CI de 10 de agosto de 1995.

### ➤ ZONA NORTE

Nesta zona podem-se encontrar os bairros: Cidade Nova, Colônia Santo Antônio, Novo Israel, Monte das Oliveiras, Terra Nova e Santa Etelvina.

Na pesquisa realizada pode-se encontrar 10% dos residentes habitando nesta zona (12 pessoas), do universo de 114 residentes atendidos pelo Plantão Psicológico em 2009. Segue relato do residente: “Onde moro tem muita droga, não queria voltar pra lá, pois tenho medo de recair” (SIC).

Esta zona norte possui uma população aproximada de 143.682 habitantes (em 95, com estimativa de crescimento de 5.4 % a.a, desde 93) em área de 7.620 ha, essa zona compreende aglomerados implantados através de invasões (bairros Novo Israel, Monte das Oliveiras e Santa Etelvina), loteamentos clandestinos e do maior conjunto habitacional da cidade - bairro Cidade Nova (105.925 habitantes). Neste conjunto sua população é bem servida em nível de infra-estrutura urbana. Entretanto, as áreas invadidas nos últimos três anos, ao norte do bairro Cidade Nova, apresentam problemas urbanos graves que vêm sendo tratados pela Administração Pública de forma a implantar os serviços básicos para os moradores nessa área.

### ➤ ZONA LESTE

Em segundo lugar, na pesquisa realizada destaca-se a Zona leste compreendendo os bairros: Mauazinho, Distrito Industrial (parcial), Coroadó, Armando Mendes, Zumbi dos Palmares, São José Operário, Tancredo Neves, Jorge Teixeira, Colônia Antônio Aleixo e Puraquequara.

Nessa Zona encontra-se cerca de 7% dos residentes da Fazenda da Esperança, totalizando 8 pessoas. Essa Zona possui uma população de 228.133 habitantes e área de 7.727,11 ha, essa zona é caracterizada por invasões, evidenciando-se como a mais pobre da cidade. Seus graves problemas infra-estruturais somam-se ao pauperismo daquela população, tornando o quadro geral com diagnóstico bastante delicado, com solução lenta e onerosa, e que tem sido alvo de intervenção permanente por parte do governo e concessionárias prestadoras de serviços públicos, a fim de estender àquela demanda os serviços urbanos básicos.

Nessa região, conforme entrevistas e levantamentos do IMPLAN sobre o sistema de saúde, voltados a detecção de problemas quanto a estrutura física da capacidade instalada, é grande a incidência de doenças decorrentes ou agravadas pela má nutrição e as imuno-preveníveis.

Pelo rápido processo de crescimento urbano, disponibilidade de terra com baixo ou nenhum custo aos moradores, os bairros em geral, apresentam sistema viário desarticulado, caótico e com caixa viária insuficiente, dificultando o planejamento do sistema de transporte coletivo, serviço de coleta de lixo, Bombeiros e segurança pública.

Segue relato para melhor compreensão do morador desse bairro: “Moro no Bairro X, lá têm muita droga, cada esquina tu encontra uma bocada, os caras concorrem, morre todo dia gente por causa de droga. Quando voltar para casa vai ser muito difícil, conviver naquele mundo de novo” (SIC).

### ➤ ZONA SUL

Na Zona Sul encontram-se os bairros: Centro, Educandos, Aparecida, Colônia Oliveira Machado, Santa Luzia, Morro da Liberdade, Presidente Vargas, Cachoeirinha, Praça 14, São Lázaro, Crespo, Betânia, Raiz, Vila Buriti, Petrópolis, São Francisco, Japiim e parte do Distrito Industrial.

Em terceiro lugar encontra-se essa zona correspondendo 5% dos residentes analisados que habitam nessa região, mais precisamente 6 pessoas.

A zona sul têm uma população de 402.791 habitantes, aproximadamente (até 1.995), área de 3.547,19 ha, sendo a zona mais populosa da cidade, heterogênea no nível de renda, com aglomerações carentes de saneamento básico, nas ocupações às margens dos igarapés que entrecortam essa zona, em convívio com grandes centros de comércio e serviços, a exemplo do Centro, Cachoeirinha e Raiz, além do Distrito Industrial, que tem parte de sua área invadida no Igarapé do Quarenta.

Sua característica principal é a abrangência da origem da formação urbana - o Centro, com os prédios construídos no final do século passado e início deste, em torno de 500 unidades, inseridas em área denominada pela Lei Orgânica do Município de Centro Antigo Tombado, representante da época da exploração da borracha. No Centro da cidade é que está implantada a rede de esgoto, executada

pelos ingleses, em 1905, representando a exceção de alguns conjuntos habitacionais localizados na zona centro-sul, a única área servida desse equipamento; o restante da cidade se utiliza do sistema de esgotamento sanitário através do conjunto fossa-sumidouro, filtros anaeróbios e similares, sendo que nas áreas mais carentes o lançamento dos esgotos é direto nos igarapés.

### ➤ ZONA CENTRO-OESTE

Em quarto lugar podemos encontrar a zona centro-sul que corresponde aos bairros: D. Pedro I, Alvorada, Planalto, Redenção e da Paz.

Nesse universo encontra-se 4% dos residentes da Fazenda da Esperança, totalizando 5 pessoas, dos 114 analisados.

A zona centro-oeste possui uma população de 144.714 habitantes (1.995), distribuída em 1.897,55 ha, essa região se caracteriza pela ocupação através de conjuntos habitacionais, tendo, portanto, boa organização espacial, sem muitos problemas infra-estruturais, a não ser por alguns pontos isolados - Alvorada, bairro surgido do reassentamento de famílias, através do Programa Promorar.

Essa região é ponto de convergência importante para o sistema de saúde, dada a localização do Hospital do Câncer e Instituto de Medicinal Tropical de Manaus, unidades-referência para todo o Estado.

A predominância do uso residencial com tipologia de ocupação diferenciada é característica marcante dessa área, uma vez que os bairros D. Pedro, I Planalto e bairro da Paz têm o mesmo padrão habitacional, de população com nível de renda superior aos bairros Alvorada e Redenção.

### ➤ ZONA OESTE

Em quinto lugar está a zona oeste, com 3% dos residentes (3 pessoas) que habitam nessa região. Esta zona compreende os bairros: São Raimundo, Glória, Santo Antônio, São Jorge, Vila da Prata, Compensa, Santo Agostinho, Nova Esperança, Lírio do Vale, Ponta Negra e Tarumã.

Essa zona tem uma população aproximada de 258.505 habitantes (até 1.995), área de 13.250,25 há. Essa zona da cidade se caracteriza pela ocupação espontânea, originada a partir do bairro São Raimundo em 1940, tendo como exceção os bairros Ponta Negra e Tarumã, considerados nobres por sua paisagem

e potencial turístico e ecológico, com loteamentos de alto padrão, mas ainda com grandes extensões desocupadas, principalmente no Tarumã, o maior bairro da cidade, com 8.240 ha. O bairro de São Jorge compreende uma grande área do Exército, concentrando a população dessa zona em aproximadamente 1/3 da área total, em ruas estreitas e acidentadas, mas com melhor estrutura que a zona leste, pelo fato de estar consolidada há décadas, havendo inclusive renovação dos casebres de madeira para construções de alvenaria, denotando a melhoria na qualidade de vida dos seus moradores.

### ➤ ZONA CENTRO-SUL

Em último lugar, encontra-se os 2% que habitam na região centro-sul, compreendendo 2 pessoas. Nessa zona estão os bairros: São Geraldo, Chapada, Adrianópolis, Nossa Senhora das Graças, Aleixo, Parque 10 e Flores.

Possui uma população com 104.485 habitantes (até 1.995), uma área de 3.695 ha, essa zona se caracteriza como a melhor em infra-estrutura urbana e equipamentos urbanos. A posição geográfica estratégica e a fácil acessibilidade tornam essa área um ponto de convergência importante no nível do comércio e serviços, consolidando a descentralização de vários segmentos da área central da cidade. Shoppings, agências bancárias, os maiores supermercados, comércio e serviços em geral, redes de televisão, jornais, estádio de futebol etc., são responsáveis pela ascensão dessa área, tornando-a com alto valor de mercado e detentora do maior número de empreendimentos imobiliários na atualidade, principalmente, nos bairros Nossa Senhora das Graças e Adrianópolis.

A disponibilidade de terrenos provocando grandes áreas vazias subutilizadas nessa zona da cidade ensejou as alterações na legislação no sentido de incentivar sua ocupação. O chamado “solo criado” tem surtido o efeito esperado, com vantagens para a construção civil e o preenchimento dos espaços vazios de forma ordenada, compatível com a realidade.

Ainda encontrou-se 8 pessoas (7%) que moram no interior do Estado do Amazonas e que vieram para capital tentar reabilitar-se do uso de álcool e outras drogas. Muitos deles moram em regiões longínquas de difícil acesso.

Na grande maioria acham-se as pessoas que não quiseram informar o lugar onde habitam ou não sabem informar, totalizando 73 pessoas (62%).

O perfil do residente configura-o como um homem na faixa etária jovem, na fase em que seria de maiores possibilidades de desenvolvimento pessoal e social, que, entretanto não as realiza em virtude do envolvimento com as drogas e experiências pessoais e sociais negativas vivenciadas anteriormente.

Este perfil mostra também um movimento de consciência do residente das consequências do uso da droga e o desejo de conquistar, reconquistar uma vida pessoal e social com melhores condições existenciais.

## **4.2 Estudo de caso na Fazenda da Esperança**

Transitar na mundaneidade de outrem, através dos encontros dialógicos, faculta uma responsabilidade enquanto profissional, que implica no cuidado, no acolhimento e na escuta desse, de maneira a possibilitar momentos de ressignificação e promoção de sentidos. Buber (2006) esclarece esse encontro através da relação Eu-Tu:

O Tu encontra-se comigo por graça; não é através de uma procura que é encontrado. Mas endereçar-lhe a palavra-princípio é um ato de meu ser, meu ato essencial. O Tu encontra-se comigo. Mas sou eu quem entra na relação imediata com ele. Tal é a relação, o ser escolhido e o escolher, ao mesmo tempo ação e paixão. (...) O Eu se realiza na relação com o Tu; é tornado Eu que digo Tu. Toda vida atual é encontro (p.59).

Contudo, ao percorrer a história do residente da Fazenda da Esperança, escolhido para a análise do seu vivido, vê-se que os encontros dialógicos, podem possibilitar espaços de reflexão e aprendizado para os envolvidos no processo. Sendo possível desta maneira uma investigação compreensiva do fenômeno.

Deste modo, a análise dos dados se deu através do método fenomenológico de pesquisa, numa perspectiva compreensiva, como já dito anteriormente onde primeiramente realizou-se o levantamento do perfil do residente atendido pelo Plantão Psicológico, do centro masculino, da cidade de Manaus, do ano de 2009. Vale também repetir que a escolha pelo ano foco da investigação deve-se ao fato da entrada do Serviço Social na Fazenda da Esperança. Uma vez que este contribui de maneira efetiva, ampliando a visão que se tem do residente, como

também acerca da recuperação do mesmo e de sua condição humana. Finalizada esta etapa de análise do universo de 114 residentes atendidos pelo Plantão Psicológico, em 2009, foi realizado um recorte, e selecionada a história de vida de um cliente que, participou do processo psicoterápico por cerca de 7 meses, sendo este residente com o maior número de atendimentos nesse ano.

Neste estudo específico adotaram-se os procedimentos analíticos da pesquisa fenomenológica sistematizada por Amedeo Giorgi (1988), tendo como base depoimentos sobre a experiência vivida do residente João (nome fictício) utilizando os atendimentos realizados pelo Plantão Psicológico, na Fazenda da Esperança de Manaus, no centro masculino.

Deste modo, para uma melhor explicitação acerca dos movimentos privilegiados na pesquisa, realizou-se a análise dos dados obtidos da seguinte maneira: primeiramente discorreu-se sobre a apreensão alcançada do sentido do todo, visando compreender a linguagem dos depoimentos do cliente, buscando captar o sentido do seu discurso diante de sua existência. O objetivo dessa etapa é ter uma compreensão fidedigna e captar a idéia geral do sentido do todo, entrando em contato com a linguagem do cliente pesquisado.

Em seguida, é realizada a divisão do relato em unidades de significado, voltando-se ao início do texto, e destacando-se as unidades, de acordo com o objetivo da pesquisa, observando-se os momentos em que ocorre uma mudança no sentido do relato. Cada unidade traduzirá um sentido, sendo cada uma delas demarcada de acordo com as mudanças de sentidos. A discriminação do significado de unidades será dentro de uma perspectiva psicológica que incide sobre o fenômeno pesquisado.

O próximo passo constitui-se na transformação da fala do sujeito, através da transcrição de cada unidade de significado, em uma compreensão psicológica, isto é, na leitura psicológica da pesquisadora sobre o relato do residente da Fazenda da Esperança sobre a experiência do vivido do Plantão Psicológico, com a finalidade de abstrair os significados, dos modos particulares de ver e compreender a realidade, apreendendo a vivência emocional do residente.

E por último, foi constituída a síntese específica para cada relato em particular, a partir da compreensão psicológica, consistindo num nível de interpretação do vivido sobre os elementos contidos na íntegra do próprio depoimento do residente. A síntese geral, segundo Giorgi (apud AmatuZZi, 1996)

consiste na junção das sínteses específicas de todos os depoimentos coletados no estudo, de forma que se componha um conjunto de elementos do vivido, ou seja invariantes que possibilitem apreender a sua estrutura em relação ao tema estudado, aqui compreendido como um fenômeno.

Gomes (1997) adiciona o comentário:

O último passo do método fenomenológico apresentado por Giorgi, busca a síntese das unidades significativas transformadas em uma declaração consistente da estrutura do aprendido. Finalmente, o pesquisador propõe que se sintetizem todas as unidades significativas transformadas em uma declaração consistente da significação psicológica dos fenômenos observados em relação à experiência do sujeito e denomina essa síntese de estrutura da experiência.

Para realizar tal tarefa, o pesquisador deve reagrupar os constitutivos relevantes para chegar a uma análise da estrutura do fenômeno. Todas as unidades de significado transformadas devem ser levadas em conta. O critério aconselhável a ser seguido é que todas as unidades transformadas estejam, pelo menos implicitamente, contidas na descrição geral. Desta forma, segue o relato das experiências do residente selecionado para o estudo com a análise e considerações desse processo vivido pelo mesmo.

### **O RELATO DA VIDA DE UM HOMEM<sup>8</sup>: DESVELANDO UMA HISTÓRIA...**

Os relatos do atendimento foram submetidos à leitura e releitura, tantas vezes que se julgou necessário para apreender os vários significados ali expressos. O olhar empregado para melhor compreender e buscar as convergências que emergiam deles, possibilitou chegar a uma variedade de unidades que ficaram assim expressas:

#### **➤ A privação, o abandono, a rejeição: desamparo existencial**

João<sup>9</sup> um jovem homem de 39 anos, nasceu em Manaus, casado, pai de sete filhos, não finalizou o ensino médio, considera-se ateu, é autônomo, morador da zona norte da cidade de Manaus.

<sup>8</sup> Todas as informações foram retiradas dos prontuários desse cliente atendido pelo Plantão Psicológico.

<sup>9</sup> Nome fictício usado para designar o residente que fora atendido em 2009 no Plantão Psicológico, na Fazenda da Esperança de Manaus.

Assim será contado um breve resumo da história de João. Este homem que chega à Fazenda da Esperança, na cidade de Manaus, em 2009, através de sua tia, para recuperar-se do uso abusivo de álcool e drogas.

A princípio viveu um grande estranhamento, naquela imensa Fazenda, rodeado de outras pessoas, que naquele momento lhe pareciam, alheias, bizarras, esquisitas. O que mais se ouvia falar, em toda a Fazenda da Esperança, segundo João, era sobre o amor, o perdão, o consolo de Jesus, e sobre o amor ao próximo. Segundo João, uma indagação pairava no ar: **Como amar o próximo, se o meu próximo aqui nessa Fazenda é um homem?(SIC)**<sup>10</sup> João era acostumado com as relações do mundo onde vivia, onde o homem é capaz apenas de amar uma mulher.

João desconfiado, irresoluto, perplexo e com forte sentimento de raiva, foi vivendo seus primeiros dias de internação. Segundo o seu relato, ele não conseguia dormir a noite, pois imaginava que ao fechar os olhos, alguém do quarto poderia matá-lo. Foram noites em claro, até começar a compreender o sentido de estar ali, na Fazenda da Esperança e de tudo que acontecia à sua volta.

Estes momentos de revelação dos pensamentos de João sobre sua convivência na Fazenda conduziram-no a relatar com lágrimas nos olhos sua história pessoal.

Antes de João completar seu primeiro ano de vida, perdeu o pai. O mesmo fora vítima de um homicídio. Segundo João, seu pai, era um dos grandes criminosos daquela região, sempre aparecia nas primeiras páginas dos jornais, e fora assim que, João mais tarde o conheceu pelos informativos dos jornais. Após um ano, sua mãe também morrera acometida de uma doença terrível. Neste momento, os vizinhos e pessoas próximas, tentaram localizar a família de João, para que cuidasse do mesmo. Dessa maneira, encontraram o avô materno, que então se transferiu para a capital do Estado, a fim de cuidar do seu pequeno neto, que naquele momento, encontrava-se órfão e aos cuidados dos vizinhos. João, assim, é entregue para seu avô materno, para que o mesmo pudesse cuidar dele, amá-lo e educá-lo. O avô de João era casado com uma jovem senhora de 35 anos.

---

<sup>10</sup> SIC- sigla que designa: Segundo Informação do Cliente. Descrevendo de maneira fiel o discurso do cliente.

Os anos passaram, e João fora crescendo naquele lar. Todos os dias eram de responsabilidade do menino os afazeres da casa, pois a mulher de seu avô não gostava de cuidar da casa, atribuindo a João essa responsabilidade. Porém, se por algum motivo não realizasse as tarefas domésticas seria submetido aos maus-tratos da mulher de seu avô. Essa rotina durou por muitos anos, João não apanhava apenas de sandálias, ou com as mãos, ele apanhava de pedaço de pau, de chicote e de qualquer instrumento que machucasse ou que cortasse, segundo seu relato. Muitas vezes, era amarrado no quintal da casa e apanhava muito, ficando por lá algumas horas, vendo o sangue escorrerem pelo seu rosto, e pelo seu corpo. João achava que seu avô desconhecia os maltratos que sua mulher praticava contra ele, pois não tomava nenhuma atitude, e saía e chegava a casa como se nada de grave tivesse acontecido, como se o dia daquela criança tivesse transcorrido de maneira normal, como qualquer criança deveria passar, sendo cuidada, alimentada e educada.

Porém, quase todos os dias, João relata que apanhava da mulher, ela saía pela manhã para a casa do vizinho, enquanto isso, ele ficava em casa para dar conta das tarefas domésticas. Quando ela retornava para a casa se ele não tivesse realizado as tarefas, as quais a mulher havia determinado, ele novamente era amarrado e violentado. Isso se repetiu durante anos de sua vida.

Os anos passaram-se e João viveu uma infância conhecendo apenas a violência. Quando ia para a escola, refletia nos colegas toda a violência pela qual passava, sendo muito agressivo com os colegas: "Hoje em dia, não gosto nem que meus filhos lavem a louça, não quero vê-los humilhados como eu fui, sofri demais, eu era só uma pequena criança indefesa" (SIC).

O relato de João encontra-se marcado pelo abandono e rejeição em toda sua história. Ele inicia a vida já sendo privado dos cuidados primários, maternos e paternos, pois perde os pais antes de completar os dois anos de idade, como se viu anteriormente, refletindo sua falta de cuidado consigo ao se envolver com o contexto da drogadição. Brusamarello et al (2008) autenticam essa fala quando discorrem que:

A família está implicada no desenvolvimento saudável, ou não, de seus membros, já que ela é entendida como sendo o elo que os une às diversas esferas da sociedade. A linguagem familiar imprime a sintaxe, a semântica e a pragmática do como se relacionar, interagir e se comportar no seio da cultura (p.657).

Desta maneira, vivia João, em um mundo hostil, que lhe infligia à violência, e lhe imprimia um modo de ser não autêntico, segundo Szymanski (2002, p.12). Não havia trocas afetivas entre os membros da família, que lhe restara. Vivia uma experiência de negligência, indiferença, desconsideração e desrespeito que, refletiram e construíram seu modo-de-ser implicado na forma-de-ser-com-os-outros de maneira violenta e indiferente.

A privação dos cuidados afetivos levou João à rua, que acabou por lhe ensinar as leis da vida, os valores, às crenças, a moral dos abandonados. O sentido de abandono é tão forte que ele relata claramente:

“Até hoje eu chupo o dedo, acho que ando viciado nele também, pois não consigo dormir se não for com meu dedo. Ele foi à vida inteira meu companheiro, minha família. Era a única coisa que eu tinha, na verdade que eu tenho, mas aqui na Fazenda estou me esforçando para não chupar o dedo, até porque aqui existem pessoas que se importam comigo. Acho que chupo o dedo porque perdi meus pais ainda, quando era muito criança, eu era um bebê” (SIC).

Nota-se o forte sentimento de rejeição, de abandono, e negligência, pelo qual sofrera aliado ao desamparo existencial que experimentara. Este desamparo o coloca solitário frente ao mundo, privado de cuidado, de amor, de carinho, de segurança. Vendo-se sozinho no mundo, sente a necessidade de formar “as galeras”, de ser o líder, a fim de pertencer, a alguém, a um grupo, a uma família. Exercendo sobre os outros a mesma violência que sofrera, sob outro formato.

No entanto, percebe-se que em determinado momento de sua vida, não há mais satisfação nessa pertença, e a mudança quando ele começa a encontrar sentido em estar na Fazenda da Esperança, redescobrimo a experiência de pertença a outro grupo, que agora começa a fazer sentido, de maneira autêntica, e que nutre sua existência. A partir de então, começa-se, a estabelecer pontes entre o que estava solto e caótico, estabelecendo sentidos para relacionar-se com o outro e consigo mesmo, agora de maneira saudável. Assim, ele inclui-se nos grupos da Fazenda da Esperança, encontrando sentido de pertença. Desta forma, a inclusão é o terreno necessário para o encontro e sua carência provoca uma interrupção da relação dialógica.

➤ **Quando a violência acalenta e educa**

Será contado um trecho da vida de João, antes da entrada na Fazenda da Esperança, onde o mesmo relata que, continuava a viver a mesma “vidinha”, acreditando muitas vezes, que estava sonhando e que um dia acordaria daquele pesadelo que vivia.

Desta forma, relata que, quando completara cinco anos de idade, a mulher do seu avô levou o vizinho para a sua casa e lá teve relações sexuais com o mesmo, por várias vezes. Durante esses momentos, pedia a João que, ficasse sentado no canto do quarto, observando o casal no momento das relações sexuais. Relata João que eles faziam gestos estranhos, e que não conseguia entender o que se passava, apenas sentia muito medo e temia que algo pudesse acontecer com ele. Tinha muita vontade de contar para o avô, mas a mulher o ameaçava, dizendo que era capaz de matá-lo se ele falasse algo para o avô.

Certo dia, João discorre, que estava dormindo, quando foi acordado por uma pessoa que tentava bruscamente arrancar o seu calção, sem conseguir se defender, desesperado percebe que é o vizinho, amante da mulher do avô. Relata João que, o homem tinha aproximadamente 40 anos, e que aqueles foram os minutos mais terríveis de sua vida, pois o homem cruelmente, manteve relações sexuais com ele, que era apenas, uma criança de 5 anos. Atormentado e sentindo muita dor, não podia gritar, e nada fazer, pois não tinha quem o defendesse daquela tragédia. Observa o homem saindo do quarto com um sorriso no rosto, e deixando João sem roupa, com muita dor, assustado, e chorando. Minutos depois, a mulher do avô chega a casa e depara-se com seu amante dentro da casa e o menino no quarto sem roupas e sangrando. Percebendo que algo havia acontecido entre eles, arrasta João pela camisa e começa a golpeá-lo, perguntando o que ele havia feito ao homem que ela amava. João desesperado, começava a chorar pois achava que naquele momento iria morrer, a mulher o puxa para dentro do quarto novamente e começa a ter relações sexuais com o amante na frente de João, dizendo que era ela a mulher daquele homem:

“Eu não entendia porque ele fez aquilo comigo, se ele tinha a mulher do meu avô, eu senti muita dor, eu sangrava. Eu não sabia o que fazer, mas sabia que algo eu tinha que fazer, mas eu era só uma pequena criança indefesa, assustada. Eu tinha medo, muito medo, não sabia o que poderia acontecer comigo, tinha medo de morrer, não tinha ninguém para me proteger, era muito triste” (SIC).

Os anos percorreram, e João continuava a viver toda essa hostilidade e violência, pois não tinha alternativas, essa era a sua única família, e desta maneira era obrigado a permanecer naquele espaço. Não tinha ninguém por ele, a não ser o avô materno, que nem imaginava as atrocidades que aconteciam em sua casa, nos momentos de ausência. Os cuidados na infância reverteram-se, em momentos de muita crueldade e violência. João relata que quando via os pais de seus coleguinhas saírem de mãos dadas para passearem, irem à igreja, ele sonhava um dia ter uma família daquela maneira: “feliz”. Mas naquele momento, o que ele conhecia era apenas a violência, isso o fez uma criança muito triste.

A violência acabou por imprimir um modo-de-ser-no-mundo nesta criança, que aprendia com esta em suas mais variadas facetas de estar-no-mundo de forma agressiva. João cresceu aprendendo a ser uma criança triste, um dia prometeu a si mesmo, que quando completasse 10 anos, ninguém nunca mais o iria ferir e o fazer sofrer. E assim cumpriu aos 10 anos ele relata que um colega na escola o empurrou, ele pegou um pedaço de pau e acertou o colega:

“A violência começou a ganhar forma e a crescer, primeiro eu batia de pau, depois comecei a usar pedaços de garrafa, depois usei faca, passei para o terçado, ate chegar a matar com arma de fogo. Mas uma coisa, era certa, ninguém nunca mais ia me ferir, ou me fazer mal, era uma promessa que fiz a mim mesmo e ia cumprir” (sic).

João com aproximadamente 12 anos vai morar na rua, pois não agüenta mais os desmandos da mulher do avô e a violência que sofria: “Não queria matar a mulher do meu avô, porque mesmo ela tendo feito tudo o que fez, ela me dava de comer e um lugar para dormir” (sic). Morador de rua, João aprendeu tudo o que não era pertinente a uma criança de 12 anos. Foi educado nas ruas, aprendeu a beber, a usar drogas, a roubar, vendia droga (aviãozinho - aquele que repassa), pois precisava comer e passou desta maneira a cometer muitos delitos. Transcorreram-se os anos, e nunca mais João voltou para a casa de seu avô. Em seus relatos, descreve que, passou muita fome e têm a lembrança de ter ido ao lixão com o avô procurar brinquedos e objetos para a casa, quando ainda morava com o mesmo.

João cresceu, tornou-se homem, e cometeu delitos, começou a ser temido, pelas pessoas ao seu redor, criou o grupo de seus aliados, que obedeciam às suas ordens, criou “galeras” (grupo de pessoas reunidas com o mesmo objetivo, que

temem e obedecem a um líder), e passou a ser conhecido como o temível e terrível XX<sup>11</sup>. Todos tinham medo do XX, e por onde passava sua “galera”, as pessoas escondiam-se com muito medo. Os grandes assaltantes, traficantes, todos passaram a conhecer, e temer XX:

“Tornei-me conhecido, as pessoas tinham medo de mim, pois sabiam que nada eu temia. O que se precisasse matar ou cortar em pedaços, roubar, qualquer coisa eu fazia e não temia minha própria vida. Afinal, minha vida já tinha se perdido há muitos anos atrás, na minha infância quando fui maltratado” (sic).

Os anos da vida de João foram se passando, e ele não tinha moradia fixa, era um nômade, vivia fugindo da polícia, de um Estado para o outro. Quando a polícia do Estado, o esquecia, e parava de persegui-lo, o temível XX retornava. Passaram muitas mulheres em sua vida, e destas relações teve sete filhos, um com cada mulher, perdeu três destes filhos. Relata que um deles foi morto pelos traficantes, na época em que João estava refugiado em outro Estado, o outro morreu afogado e o outro morreu acometido de pneumonia. XX não estabelecia vínculos afetivos, desta maneira não se prendia a ninguém, queria viver a vida loucamente, curtir suas mulheres, sua droga, a bebida e sobreviver, assim como passou na infância, acreditava que vivia um sonho.

Nota-se que a maneira que João aprendeu a existir no mundo, foi através da violência, primeiramente experimentando-a em seu próprio ser, com todos os maltratos, humilhações, submissões, agressões, negligências a que foi submetido, ainda na infância, e depois passou a praticar essa agressão aos outros, batendo nos colegas de escola. Sobre as conseqüências da violência intrafamiliar, Hirigoyen (2005) afirma que:

As conseqüências imediatas de um ambiente de maus-tratos podem ser perturbações no desenvolvimento (retardo de peso, estatura, imaturidade, dificuldades escolares), perturbações psicossomáticas (perturbações digestivas, dores de cabeça), perturbações emocionais (ansiedade, tristeza, cólera, baixa auto-estima) ou mesmo perturbações comportamentais (impulsividade excessiva, consumo de drogas) (p.178-179).

Muitas destas conseqüências podem ser encontradas na história de João. Ressalta-se aqui o abandono da escola e a não conclusão dos estudos, as fortes dores de cabeça, a raiva que sente até hoje, sem saber ao certo o motivo. A baixa

---

<sup>11</sup> Nome fictício utilizado para não identificar o cliente.

auto-estima, não se sentindo capaz muitas vezes de realizar tarefas, cumprir objetivos. A impulsividade que estava presente quando infligia violência nas outras pessoas ao seu redor. E o consumo de álcool e drogas nos momentos de solidão, tristeza profunda e raiva que, davam sentido à sua existência.

Segundo Gomes (1997, p. 5), por existência entende-se o modo como alguém com maior ou menor clareza orientam, ou se posiciona em relação ao seu mundo, ao seu modo de ser (sentido).

Deste modo, vê-se que naqueles anos da vida de João, apenas o que fazia sentido era a violência, ele foi educado desta forma, as maneiras de amor, de respeito, cuidado e carinho eram transformados em atos de violência sob todas as suas facetas, dando sentido à sua existência. A maneira pela qual ele aprendeu a existir, era o seu modo-de-ser quando ele se transforma no temível XX. Ele escolhe uma maneira de existir que naquele momento da vida fazia sentido, a violência o acolhe, cuida e lhe ensina modos de existir.

Aqui merece atenção o aspecto da violência cometida contra o outro que chega a um desfecho final – o assassino, situação que merece reflexão pelas suas consequências fatais e exigem compreensão de sua responsabilização.

A mudança inicia claramente, quando João opta pela recuperação, pois deseja mudar de vida, segundo o relato do mesmo: “eu não agüentava mais aquela vida de violência, precisa mudar, precisa de um sentido, estava vazio, e a droga preenchia esse vazio. O que engraçado olhar tudo isso agora” (SIC).

Quando João toma consciência de suas atitudes e do vazio existencial ao qual se encontrava, deseja um sentido para existir, para fazer parte desse mundo, desse mesmo mundo que o excluiu:

“Desenhei esse quadro, com essa pessoa de costas porque representa o mundo de costas para mim, foi assim a minha infância inteira, o mundo virou as costas para mim, e eu me tornei a merda humana, eu era tudo o que não prestava, também não podia ser diferente, aprendi assim” (SIC).

Neste contexto de vazio existencial no aprendizado da violência, que a droga e o álcool passam a fazer sentido para João. Elas permeiam sua existência, delineando suas relações consigo e com o mundo:

“Com toda sinceridade, o sentido que a droga tem para mim é de preenchimento. Por muito tempo, ela preencheu o vazio que existia dentro de mim. Sem falar do gosto e da sensação de “poder”, ser dono de mim, e que eu posso fazer o que quiser da minha vida, sem ninguém para gritar, nem me bater, de liberdade e paz. Sou dono de mim. Ninguém vai fazer mal algum comigo. Porque assim estou sempre preparado para tudo” (SIC).

Novamente percebe-se que João fundou sua vida nessa promessa de que “ninguém nunca mais lhe faria mal”, e parece que a droga sustentava esse desejo, por trazer a ele, alterações na consciência e na percepção e sustentar falsas ilusões. Desta forma, João achava-se “com poder acima do bem e do mal” e sentia-se poderoso capaz de realizar o que desejasse, a auto-estima ficava elevada e a tristeza cedia lugar à euforia: “Pena, que quando o efeito da droga passava, eu me sentia muito mal, ficava muito triste, desolado, desiludido, e tinha vontade de usar novamente” (SIC).

➤ **Excluído do mundo, da família, da sociedade e de si mesmo**

João, o temível XX, já tinha trinta e nove anos, quando estava em Salvador, na Bahia, perambulando na madrugada pelas ruas. Roubou a bolsa de uma senhora, pegou os pertences de valor e trocou por droga, gastando o que tinha com o crack:

“Nesse dia, estava muito triste, olhava para a minha vida e via que eu não tinha nada, só a minha própria vida. Era sozinho, estava fugido, morava na rua, passava fome, não tinha família, embora tivesse meus filhos, não era nada e nem ninguém. E pior, que eu estava acabando com o resto da minha vida, mergulhado nas drogas. Nesse dia, em Salvador, usei tanta droga, que me recordo que caí de cara em uma poça de lama, eu quase morri afogado, em uma água suja, de merda, porque vinha do esgoto. Eu pedia socorro de Deus, que ele me desse uma chance, só mais uma chance, que só um milagre poderia mudar minha vida, pois eu queria viver e ter uma vida digna, não queria mais nada daquilo para mim. Consegui com muito custo me levantar, estava todo sujo e quase tive uma overdose. No dia seguinte, consegui falar com a minha tia, aqui em Manaus e ela disse que iria me ajudar. Cheguei a Manaus, e ela conseguiu minha internação aqui na Fazenda da Esperança e foi assim que cheguei aqui” (sic).

Nota-se o quanto João era sozinho, desde a infância, e por mais que constituísse as “galeras” como uma tentativa de pertença, ele não conseguia vincular-se afetivamente a eles e vivia solitário a vagar por esse mundo. Andrade (2007) acrescenta:

O solitário é a pessoa que se perdeu na multidão ao privar-se do sentido de comunidade e comunhão. A pessoa então se fecha ao contato, perde a capacidade de dialogar e a disponibilidade à novidade, ao imprevisto, a si mesma e ao outro. Esta atitude impede o crescimento e a mudança.

Desta maneira, enquanto João vagava pelas ruas ociosamente, e tentava inserir-se em um grupo para sentir-se aceito mais ele se isolava, pois não confiava em ninguém e tinha medo novamente de ser maltratado. Enquanto isso vivia uma circularidade em uma existência vazia e sem sentido. Percebe-se que com a inserção na Fazenda da Esperança, ele se sente acolhido, aceito, valorizado, passando a ter pertença, e a partir daí a mudança começa a fazer sentido, e a se encaminhar para o crescimento, que agora passa a ser sua meta de vida:

“Nos grupos que eu formava, eu não confiava em ninguém. Na verdade, tinha medo de sofrer novamente, como sofri quando criança. Um exemplo, disso é que não durmo no quarto sozinho com outra pessoa de jeito nenhum, pois me lembro de quando aquele homem me fez mal, fica sempre a impressão que passarei por tudo aquilo de novo. Então eu sempre preferi me isolar, até quando ia usar droga eu ia para casa e ficava sozinho trancado no meu quarto sem querer falar com ninguém” (SIC).

Vale refletir, que a situação afetiva vivida por João, de violação de sua integridade, precisa de ajuda para elaborar o que aconteceu e estabelecer a possibilidade de vivência de novas formas de relação, agora de forma mais autêntica, e de respeito com o outro. Conforme afirma Andrade (2007): “O homem precisa, necessariamente, de contato, de estar em relação-com-o-outro para confirmar-se como humano”.

Na Fazenda da Esperança João dormia no quarto com mais três colegas, no início sentia muito incômodo e não conseguia dormir, mas o sentimento de companheirismo, a convivência, a relação com o outro, e a inserção no grupo foram modificando esse sentido e sentimento de hostilidade em relação aos outros, e ele passa a ter um olhar diferente sobre as relações humanas. O seu modo-de-ser se configura nas relações com os outros e com o mundo, de maneira diferente, sem privar-se, mas atribuindo significado à sua experiência humana.

### ➤ **O re-nascer para uma nova vida: o encontro**

João relata ter consciência que, possuía uma última chance em sua vida, tinha muito medo de não viver o que sempre sonhara na infância, mesmo tendo a

certeza de que aquilo não mais fazia parte do seu mundo, pois a violência o afastava desse projeto.

Os primeiros dias na Fazenda da Esperança foram muito difíceis, pois João estava acostumado, a perseguição, a morte, a traição. No entanto, a vivência da Fazenda da Esperança é totalmente diferente. Como dito anteriormente sobre o funcionamento da Fazenda da Esperança, o interno precisa cumprir o tripé da Fazenda: convivência, trabalho e espiritualidade. Na convivência, é necessário respeitar o próximo, aceitar suas diferenças para se manter um equilíbrio e uma harmonia nas relações. João aprendeu a conviver com o medo na infância, ou por outro lado, a impor medo para ser respeitado e admirado pelos subordinados no mundo. Assim como também, a violar os direitos do outro. Na Fazenda, a vivência era de forma solidária, agindo-se sempre com respeito aos colegas. Em relação ao trabalho, cada casa é responsável por um determinado trabalho, entendendo que o trabalho devolve ao homem sua dignidade, seu respeito, enquanto cidadão de direitos. João tinha o trabalho como uma ação de tomada de assalto ao outro, pois roubava e matava se fosse necessário, era sua ocupações e seu modo-de-ser. A Fazenda da Esperança compreende que, a espiritualidade ajuda a resgatar os valores da vida, a moral, a ética, e trabalhava com certos limites, resgata o homem na sua humanidade. João exercia sua espiritualidade anterior a Fazenda da Esperança, acreditando nos valores da rua, nas leis da rua, onde o mais forte prevalecia. Todos os valores que deveriam ser aprendidos na Fazenda eram contrários ao que tinha vivenciado na infância e na juventude. Havia necessidade de re-aprender ou aprender a viver com outros valores. Era um re-começo, um apropriar-se de sua condição humana, a fim de transformá-la para uma condição de ser com dignidade.

João significou a Fazenda da Esperança como sendo a família que não teve na infância e se colocou disponível para aprender tudo o que era possível, desde as pequenas atitudes, as maiores lições de ética. Ele se destacava, em tudo o que fazia, saltava aos olhos dos residentes seus feitos e realizações. Recebia elogio e a ele foram dadas oportunidades e obrigações. João estava muito feliz, pois tinha um sentimento de renascimento, como se ainda fosse uma criança pequena, que estava recebendo cuidados e afetos:

“Eu me sentia bem demais aqui na Fazenda, era como se eu fosse um bebê e tivesse nascendo para a vida naquele momento. Eu me sentia cuidado, amparado, descobria o que era amar. Eu estava aprendendo coisas muito básicas do cotidiano, mas me sentia alegre entusiasmado com tudo, eu estava nascendo de novo, talvez agora sim, eu tivesse uma vida” (SIC).

Os meses na Fazenda da Esperança foram passando e João tornara-se uma pessoa admirável, não mais como o admirável e temível XX, mas como João, uma pessoa que desejava ter uma vida digna e diferente, longe de todo o mal que já vivera:

“Tudo o que eu queria era ter uma vida normal, como todas as pessoas tinham, pois eu não tinha uma vida normal. Olha só a minha infância, eu só era um garotinho, indefeso, e aconteceu tudo o que aconteceu comigo. Agora eu quero ter uma vida com dignidade, quero criar meus filhos, ter uma esposa, ter um trabalho digno, ter minha casa, ir à missa. Quero ser feliz” (sic).

João prometeu a si mesmo, que nunca mais ninguém lhe faria nenhum tipo de mal e o trataria de maneira inadequada. Relata um acontecimento na Fazenda que mudara seu destino. Ele criava um filhote de camaleão, até que um gato, que era de estimação da Fazenda aproximou-se e matou o camaleão. Quando João viu a cena, rememorou todos os momentos da infância, quando sofria violência, era injustiçado e maltratado. Assim, João foi tomado de uma fúria tão grande matou o gato a pauladas e o colocou na panela, cozinhou sua carne e serviu aos colegas da Fazenda. Relata que, para ele isso representava ter sido uma atitude normal, pois quando morou na Bahia, essa prática de comer gatos era costumeira, pois não se tinha muito dinheiro para comprar carne de outros animais. No entanto, quando as pessoas souberam que estavam comendo a carne do gato de estimação, repudiaram o feito de João e o condenaram.

João em meio à confusão, que se estabeleceu, não tinha muito a dizer, e achou que sua atitude fora normal diante da injustiça que tinha presenciado a morte de seu camaleão. Neste episódio ele foi advertido e alguns benefícios lhe foram retirados para que o mesmo pudesse refletir sobre sua atitude. Foi dessa maneira que João chegou ao setor de psicologia, no Plantão Psicológico, encaminhado pelo Padre Y<sup>12</sup> responsável pela Fazenda da Esperança de Manaus. Envergonhado, humilhado diante da situação, João relata o ocorrido e narra novamente à história de sua infância. Nesse momento, recomeçamos juntos a

---

<sup>12</sup> Nome fictício para designar o Padre da Fazenda da Esperança.

percorrer sua história de João, a fim de promover uma nova ressignificação à sua existência.

Percebe-se que, a partir desse acontecimento, João sente de fato a necessidade de mudar. Em um dos seus relatos, ele conta que parece que até aquele momento estava vivendo um sonho, pois tudo na Fazenda era muito lindo, mas a partir do fato ocorrido, ele percebeu que realmente precisava abandonar todos os sentimentos construídos até aquele momento, e assim transformar-se:

“Eu não sei o que aconteceu comigo, tive muita raiva, mas muita raiva mesmo daquele gato. Lembrei de quando era pequeno, que me faziam mal e eu era tão indefeso. Peguei um pau e matei o gato a pauladas. Quando caiu a ficha, eu fiquei assustado com o que tinha feito, mas não tinha como voltar atrás. Após as humilhações e apontamentos que sofri, fiquei pensativo na minha vida. Como eu queria mudar e ser diferente, se estou com as mesmas atitudes de antes? A história do gato foi um marco na minha vida, pois realmente eu preciso abandonar esses sentimentos ruins que me perseguem, e preciso de ajuda” (SIC).

As experiências de reviver os sentimentos do passado causaram grande mal-estar e estranhamento a João, mas significou um marco em sua história, e a partir deste dia, ele conseguiu encontrar-se consigo e perceber a necessidade de construir-se de maneira diferente da qual havia escolhido, durante os anos de sua vida. Agora ele passa a reconhecer-se e compreender suas limitações. Andrade (2007) acrescenta que: O encontro da pessoa consigo mesma e com o outro ocorre, de forma espontânea, em diferentes momentos da interação homem-mundo, contudo, é *intencionado* no âmbito da psicoterapia. Nesse momento fica assinalado o início de um encontro consigo mesmo. A partir desse momento, inicia-se um processo reflexivo interno sobre sua condição humana e o vislumbrar de um novo modo-de-ser-no-mundo.

#### ➤ **O Encontro Dialógico: o vivido de uma experiência**

Quando João chega ao primeiro encontro é esclarecido o contrato terapêutico: o sigilo do terapeuta frente ao discurso do cliente, o dia e horário dos encontros, a duração dos mesmos, a disponibilidade necessária do cliente em entrar em contato com sua história e transformá-la, a disponibilidade do terapeuta em acompanhar o cliente frente ao contato com a sua história, e consigo mesmo. Andrade (2007) confirma que: O contato terapêutico é marcado por respeito, aceitação, cuidado, compromisso com a tarefa, autenticidade e, sobretudo, pelo diálogo.

O Plantão Psicológico propõe proporcionar um encontro dialógico, pautado na escuta, no cuidado e no acolhimento para com o outro, possibilitando a emergência emocional do ser. Permite aqueles que, utilizam seu serviço, como o caso de João, um reconhecimento de si e do outro no contexto da realidade vivida, no contexto do álcool e outras drogas. Nestes encontros possibilitou-se mudança significativa do cliente, levando-o a ressignificar sua condição humana e, dessa forma construir novos projetos de vida.

No primeiro encontro, João relata o sofrimento vivido na infância, como: violência, rejeição, abandono e negligência. Dessa forma, se começa a percorrer sua história, só que agora ele não está sozinho, ele tem companhia, e esse encontro pode promover transformações, dependendo da autenticidade dessa relação que começa a se delinear. Há possibilidades de se começar a desenhar uma nova história, dependendo da disponibilidade dele entrar em contato com toda a sua vivência emocional. Andrade apud Ribeiro (2006, p. 105-106) afirma a respeito desse encontro dialógico o seguinte:

Diálogo é entregar minha palavra para o outro e receber a dele, sabendo que a única coisa que torna duas pessoas iguais é a aceitação da diferença existente na presença viva de ambas (...). Diálogo não é aceitar ou negar a palavra do outro, dialogar é aceitar que o outro tem o direito de ser diferente de mim (...). Diálogo é encontrar e encontrar-se. O diálogo é uma forma de contato do interhumano e ocorre, sobretudo, quando os interlocutores têm a sensação de estarem inteiros no que dizem, ou fazem, ou até mesmo deixam de fazer, e quando existe a intenção de estabelecer uma relação mútua e viva entre ambos.

A partir dos momentos, de encontro com a psicologia, João sentiu-se mais livre e aberto para expressar e falar dos seus sentimentos. Compreendeu que, a autenticidade faz parte do processo de transformação e que para entrar em contato com sua vivência emocional precisa reviver os momentos que lhe trouxeram angústia, a fim de ressignificá-los. Os encontros possibilitaram uma melhor percepção de si e de suas ações no mundo, tornando-se cômico de si mesmo, passa a apropriar-se de sua existência e a se tornar responsável por ela. Andrade (2007) traz a reflexão acerca dessa discussão que:

O homem constrói-se com base em seus projetos, assumindo a responsabilidade que ele tem por si mesmo e pelos demais. O contato –consigo mesmo e com o mundo que o cerca, o *ser* tocado e perceber a interação da própria existência com a existência do outro, torna o cliente cômico dessa responsabilidade. A atitude com que o homem se aproxima do outro é, também, a atitude com que se aproxima de si próprio, pois encontrar o outro possibilita o encontro consigo mesmo e vice-versa. (...) Pela qualidade da atitude de contato com o mundo, a pessoa desenvolve-se e revela sua crença diante da vida. O seu modo de ser - no - mundo fundamenta sua vida e suas relações. A busca de sentido, vislumbrada pelo cliente dá-lhe a possibilidade de tornar-se presente como pessoa que é.

Através do diálogo, foi possível a João a expressão dos seus sentimentos, desvelando sua história, da forma como ela se mostra, um retorno às coisas mesmas, revelando sua essência. Em um dos encontros, ele consegue expressar, por meio da arte, sua vivência, de maneira autêntica, sem se dar conta dos significados. Através do encontro dialógico, pode-se compreender a essência do fenômeno que se mostra, de maneira a proporcionar um encontro consigo mesmo e um momento de reflexão e apropriação de sua existência, é o fenômeno da vida em si mesmo. Desvelando o vivido de um homem em seu mundo, como ver-se-á a seguir em seu relato.

Esse encontro ocorre em um momento de tristeza, onde João relata estar sonhando muito, com vozes, das pessoas que já matou, e reclama que tais vozes, lhe fazem mal. Sua consciência está lhe cobrando muito acerca de suas atitudes no passado. Nesse momento, João está desenhando um quadro de pintura, e se percebe que, ele não quer sair daquele lugar, e escolhe permanecer desenhando o quadro enquanto dialoga, assim o encontro inicia.

O desenho que João faz, retrata um cemitério, onde há três caixões desenhados, e várias cruces, de pessoas que já morreram. Ao lado do cemitério, há um muro que o separa e do outro lado há árvores, uma igreja, e um caminho. João é questionado sobre sua semana e responde:

- Não foi muito boa, tenho sonhado muito com as pessoas que maltratei, até as que matei, fico ouvindo vozes, pessoas pedindo socorro, estou muito confuso. Estou desenhando agora aqui, mas nem sei o que estou fazendo, faço o que vem nos meus pensamentos.

A riqueza do momento dialógico é tanto que se passa a expor o diálogo mantido.

**Plantão Psicológico** - Compreendo. E este desenho que você está fazendo livremente, você consegue de alguma maneira olhar e ter algum sentimento referente a ele? Ele poderia retratar a sua vida?

**Cliente** - Não sei nem te dizer, hoje estou tão triste, me lembrando de tudo isso, que nem parei para pensar nada sobre o desenho.

Fica-se por uns minutos em silêncio, olhando para a tela. Vale ressaltar, que João fazia aula de desenho na Fazenda da Esperança, que era oferecida por um dos voluntários que frequenta essa comunidade.

**Cliente**- Talvez as pessoas que eu já fiz mal representem as cruzes! E esses caixões sejam dos meus filhos que morreram, sinto muita falta deles.

**Plantão Psicológico** - Então, pensando sobre o que você acabou de dizer, pode-se pensar que esses três caixões que você desenhou, realmente representem seus filhos que morreram<sup>13</sup>. As cruzes do cemitério, talvez possam representar as pessoas pelas quais você fez mal. João interrompe a fala, e diz:

- Nossa! Como eu não tinha pensado nisso. Sem brincadeira, estou admirado. É isso mesmo, eu passei a semana toda com isso na cabeça. Lembrando dos meus filhos que se foram que eu nem tive tempo para cuidar deles, pois estava muito ocupado fugindo da polícia. O meu menino que mataram, inclusive, eu nem estava aqui, quando aconteceu o fato, pois se tivesse não teriam feito isso. Fico muito sentido de ter perdido meus filhos, sei lá parece que to pagando preço pelas maldades que já fiz para os outros. Mas você sabe que nunca matei gente do bem, sempre que acontecia era gente errada, que mexia nas coisas dos outros, ou que fazia coisa errada. Teve uma vez que a polícia conseguiu me pegar, porque eu tinha matado um cara, foi à única vez que a policia me pegou. O delegado me agradeceu pelo fato, pois já havia um tempo que tentava prender o bandido e não conseguia, e ele já tinha abusado de muitas mulheres e feito muito mal ao povo do bairro. Ele mexeu comigo e eu disse que um dia ia pegá-lo, até que chegou o dia dele. Chegou-se a um ponto crítico, pois a reflexão mais profunda exige uma nova percepção para compreender que não se pode usar os mesmos métodos para

---

<sup>13</sup> João faz esse relato da morte dos filhos em umas das sessões.

acertar contas, pois iguala-se a que se critica. Mas isso exigia amadurecimento e crítica.

**Plantão Psicológico** – Continuando a reflexão, poder-se-ia pensar também, que a árvore que você desenhou do outro lado, representa vida. Pois é o verde, as matas que lembram vida, começo, esperança. A igreja ao fundo pode representar a espiritualidade, que você aprendeu aqui na Fazenda da Esperança e que faz tanto sentido hoje para você, que no momento como você mesmo diz tem direcionado a sua vida.

**Cliente** – Nossa! Você sabe que eu não tinha pensado nisso. Agora você falando tem sentido mesmo. Eu olhando para o meu desenho agora, ele passa a ter sentido. Eu apenas vou desenhando, pintando sem me dar conta do que estou fazendo, vou fazendo o que me vem à mente. Agora você falando, me levou a refletir que é isso mesmo. Esse desenho representa minha vida. É um resumo das coisas que vivi e que me trazem sofrimentos, e eu sei que preciso mudar tudo. Vejo que com sua ajuda, as coisas estão melhorando, só de pensar dessa forma começo a me sentir mais leve, menos aflito.

**Plantão Psicológico** - Talvez você precise passar pela experiência do perdão, por aquilo que lhe fizeram e para com você mesmo, por ter abandonado seus filhos... Você precisa olhar para você mesmo para começar a compreender a sua história e a maneira como você foi se construindo ao longo desses anos da sua existência.

**Cliente** – Cara! Estou fascinado com a sua interpretação sobre o meu desenho, você me fez viajar a um tempo atrás e ver tudo o que eu fiz às pessoas e a mim mesmo. Eu só fazia mal a mim mesmo. E as drogas, a bebida, eu só fazia mal a mim mesmo. Como tudo isso foi ruim, foi uma vida vivendo assim, meu Deus do céu! Mas tudo isso tem haver com a minha infância né, cara! E com todo o mal que me fizeram passar. Acabei me fechando para o mundo e esquecendo que podia ser diferente, mas naquela época eu não conseguia enxergar nada, só queria me defender do mundo e das pessoas e acabei entendendo que todo mundo era mal. Olha agora você aqui, me fazendo um bem doido, me ajudando a me compreender, a entender de fato quem eu sou isso. É massa cara! Estou muito emocionado.

Vivenciam-se minutos de silêncio, onde o cliente chora emocionado, por reviver momentos que lhe causaram muita dor e por ter mágoas das coisas que realizou. Após um período de pausa, retorna-se ao diálogo.

**Plantão Psicológico** – Compreendo o quanto é difícil vivenciar esses momentos, quanta dor não sentimos em pensar, que tudo poderia ter sido diferente. O importante é você pensar que pode ser diferente a partir de agora, o passado já aconteceu e ninguém pode mudar, mas a construção do agora pode fazer diferente. Pelo que percebo você quer ser diferente, e está disponível para isso.

**Cliente** - Sim, estou muito disponível. Eu não agüentava mais cara! Aquela vida desgraçada, fugindo da policia o tempo todo, não tinha moradia fixa, não podia ter família, tive vários filhos, não acompanhei o crescimento de nenhum deles, um que morreu até se envolveu com drogas. Tenho uma filha que se não cuidar pode se prostituir e usar drogas são muitas coisas acontecendo. E eu preciso ser diferente para viver cada uma delas de maneira diferente também. Não posso mais ser a mesma pessoa que eu era, eu não agüentava mais aquela vida do crime, às vezes penso que aquela vida não era minha, mas eu a vivi sei lá! É tudo muito louco aqui na minha cabeça. Estou sentindo que as coisas começam a mudar e a fazer sentido para mim. Tudo fica mais claro, me sinto até mais leve.

**Plantão Psicológico** – Tudo depende da sua disponibilidade e da sua escolha. Olhando para o seu desenho novamente, veja esse caminho que você fez o que você acha que ele representa.

**Cliente** - Ah cara! Não consigo agora perceber, talvez seja o caminho novo que eu quero para a minha vida, é acho que é isso mesmo.

**Plantão Psicológico** – Então, eu também percebo assim, que esse caminho que você fez saindo da igreja e indo para algum lugar, seja o seu novo projeto de vida que pretende construir. Que você tem tanto o desejo de construir. O cliente interrompe a fala:

- Cara! É isso mesmo. Inclusive tenho sonhado muito com caminhos, que leva a alguma direção. É o caminho que eu tanto quero seguir.

**Plantão Psicológico** – Esse caminho você precisa começar a construir desde já agora, e eu estarei ao seu lado nesses encontros para que possamos guardá-lo e construí-lo.

**Cliente** - E eu quero muito isso para mim, muito obrigado por você estar aqui cuidando dessa maneira de mim, me ajudando a olhar diferente para a minha história, sem me julgar, sem ter preconceitos. Porque vocês vêm de tão longe para cá, porque acreditam em nós, que podemos ser diferentes e isso é muito importante para nós coitados. Saber que pessoas tão cultas e inteligentes como vocês acreditam na nossa recuperação, esses encontros estão sendo transformadores, gostaria até de tirar uma foto para registrar esse momento, foi muito importante para mim.

O que se percebe nesse encontro é que, João a partir dessa vivência emocional, através da expressão de seus sentimentos, que culmina na arte, começa um processo de apropriação da sua história, compreendendo algumas facetas que lhe causaram dor e sofrimento. Compreende-se que, aquilo que ocorre entre um homem e seu outro, que se revela como parceiro em um acontecimento da vida, expresse um encontro. Buber (2006) assegura que a experiência vivencial se revela através do encontro:

[...] o encontro é algo atual, um evento que acontece atualmente. A relação engloba o encontro. Ele abre a possibilidade da latência; ele possibilita um encontro dialógico sempre novo.

Desta maneira, os encontros do Plantão Psicológico com João, tornaram-se momentos ímpares, pois proporcionaram a ele uma melhor aceitação de si mesmo. Neste processo, o encontro dialógico permite um reconhecer-se, e um auto-apreciar-se, um auto-suportar, mostrando-se genuinamente para o outro. Quando João é confirmado em suas verdades, ele se abre com maior facilidade para aproximar-se de si mesmo tal como ele é. A partir daí, ele começa a aprender a lidar consigo mesmo, com sua raiva, com sua ansiedade, com suas carências, com suas frustrações, com o abandono, e começa a se reconhecer como dono de si mesmo e de suas escolhas que podem ser diversas das tomadas anteriormente:

“Me sinto diferente, toda vez que nos encontramos é como se eu me olhasse em um espelho, você reflete os meus sentimentos e me faz compreendê-los e a lidar com eles de maneira mais leve, sei lá é muito massa cara! É coisa de pirar a cabeça, uma viagem melhor do que a droga, me sinto leve quando termina nossos encontros. A sinceridade, e a maneira verdadeira com que a gente tem se falado, me levou a me olhar e me enxergar de outra forma, um caminho se abre” (SIC).

Andrade (2007) atesta que:

O terapeuta deve honrar a experiência fenomenológica do cliente, penetrar de maneira respeitosa no seu mundo, para assim, validar uma realidade e um conjunto de dados diferentes. Ao validar a experiência do cliente, o terapeuta o confirma, quarto elemento importante para o diálogo (...) verdadeira confirmação significa que confirmo meu parceiro como sendo este ser que já existe mesmo me contrapondo a ele como a pessoa que sou.

A experiência do encontro possibilitou a João reviver os momentos que lhe trouxeram angústia e dor, fazendo-o entrar em contato com sua história e oportunizou uma reflexão de maneira diferente, outro pensar sobre suas atitudes e seu modo-de-ser-no-mundo. Diante disto, abrem-se possibilidades de ser diferente do que ele vinha se construindo. O retorno às coisas mesmas, a sua essência, o que possibilitou o reencontro consigo, com o mundo e com os outros, modificando a maneira de relacionar-se com estes.

Buber (2006) define essa relação, quando não é objetal, e entre as pessoas envolvidas (terapeuta-cliente) de reciprocidade e uma profunda comunicação, então acontece o encontro. Funda-se uma relação dialógica, um acontecimento de uma relação do inter-humano.

Desta maneira pode-se dizer que houve uma relação Eu-Tu. E que João estabelecia uma relação Eu-Isso, com as drogas e os projetos de vingança que escolheu livremente executar. Assim como, estabeleceram relações Eu-Isso com as pessoas que constituíram seu mundo relacional.

Nos encontros dialógicos houve um encontro de subjetividades que, se entrelaçaram um aprofundamento no vivido desse homem, que se disponibilizou a transformar-se, e desta maneira apreender uma nova apropriação da sua história, resignificando-a, desvelando o seu vivido através da palavra, do diálogo que se estabeleceu.

### ➤ O Retorno à Vida: Um Projeto Existencial

Como se viu nos relatos de João, este tinha um forte e grande projeto de vida: “Não permitir que ninguém o machucasse da maneira que ocorrera na infância”. E a partir disso, todos os feitos de João se pautaram por essa verdade, que ele criou para si. Por muitos anos, de sua vida essa verdade dirigia João. Quantas atitudes não foram realizadas em torno desse projeto que João estabeleceu para si. Sabe-se que, o homem constrói-se com base em seus projetos, assumindo a responsabilidade que ele tem por si mesmo e pelos demais.

Através dos encontros dialógicos, foi possível que João transitasse em sua mundaneidade, de maneira livre e autêntica, reconhecendo-se e estabelecendo relações consigo, com o mundo e com os outros. A partir dessa experiência de ressignificação, ele começa a construir novos projetos de vida.

A primeira percepção que João experimenta é sentir-se pessoa. Ele se funda no mundo como uma existência e se reconhece pertencente a ela, começa a olhar para si e apropriar-se de sua condição humana, descobrindo-se e revelando-se a cada encontro genuíno:

“O barato de tudo isso, dessa viagem, é que agora eu consigo me olhar e saber que sou uma pessoa, com falhas, com qualidades, com vontades, que eu posso realizar coisas. Posso ter um projeto de vida, e pensar num futuro. É muito bom se sentir gente, eu era bicho. Sei lá, é muito bom! É uma sensação estranha, mas me sinto feliz, aquela tristeza ta indo embora” (SIC).

João depois, percebe o mundo à sua volta, não mais como sendo aquele mundo que lhe deu as costas, mas um mundo cheio de possibilidades, onde é possível realizar coisas e se pode escolher o que se deseja realizar. A partir disto, ele se sente responsável por si mesmo, devolvendo-lhe a pertença de ser cidadão, de ter direitos, e com forte desejo de se apropriar dele, embora tenha passado por exclusões no percurso de sua história:

“Eu não sou mais um bicho né cara! Agora eu posso exercer meus direitos, não preciso morar na rua, nem ficar correndo da policia de um lado para o outro, tenho a possibilidade. Essa tal possibilidade de trabalhar, ganhar meu dinheiro e ser gente. Como você diz me tornar pessoa” (SIC).

João procura se afastar do que Escorel (1999) considerou como exclusão, isto é aquela situação de uma privação material e simbólica que desqualifica o indivíduo, retirando-lhe a condição de cidadão, de humano. Não encontrando

pertencimento, prisioneiro em sua própria existência, acaba por anular-se e romper os vínculos sociais e afetivos.

As experiências dos encontros dialógicos levaram-no, a olhar para o outro e ter o desejo de relacionar-se, não mais com interesse que tinha antes de cometer atos impulsivos e violentos, mas agora com o interesse de se sentir companheiro, de viver em comunidade. Descobre-se pertencente a uma comunidade de homens que desejam recuperar-se e a uma sociedade que o aguarda, que talvez não o acolha da maneira que ele de imediato necessite, mas que pode abrir outras possibilidades existenciais:

“A experiência com os outros, de conviver com meus amigos da Fazenda da Esperança e até mesmo com você, que hoje me conhece profundamente, nutriu em mim, um sentimento de cuidado para com o outro, de entender que são pessoas assim como eu, com falhas e acertos e que, muitas vezes, não conseguiram atender ao que eu espero. Como a sociedade né cara! Voltar para ela significa ter que ter a consciência que não será fácil, há muito preconceito, a vida está difícil, mas é bom viver, estou com muita sede de viver” (SIC).

Acrescenta Regis (2011, p. 48):

(...) o sentido comunitário de vida; enquanto que o “mecânico” configura as macrosociedades sustentadas por mero racionalismo burocrático. O que mantém o sentido comunitário é a *afetividade* tomada em sua origem etimológica: ‘quando a vida do outro afeta a minha vida, e a minha vida afeta a Existência do outro.

Notou-se ao final do programa, o quanto ele se arrependeu de suas ações em relação aos homens e o quanto passou a valorizar a pessoa humana, e a se valorizar, através da experiência comunitária vivida. João ainda tem como projeto estabelecer uma nova relação com Deus, o que descobriu na Fazenda da Esperança. Através dos encontros dialógicos foi possível através da relação EU-TU para alguém dá abertura ao outro a abertura para o TU eterno com quem realiza a relação suprema. A respeito dessa esfera da relação EU-TU, diz Buber (2001, p. 7):

A terceira [esfera da relação EU-TU] é a vida com os seres espirituais. Aí a relação, ainda que envolta em nuvens, se revela, silenciosa, mas gerando a linguagem. Nós proferimos de todo nosso ser, a palavra-princípio sem que nossos lábios possam pronunciá-la.

Os projetos de vida que João estabeleceu mobilizados através da vivência dos encontros dialógicos, o devolveram à sua própria condição humana, incluindo um retorno à sua própria vida com dignidade, à família, à sociedade, e a Deus. Estabelece planos pessoais de realização como pessoa e como cidadão. Tem o desejo contínuo de transformar-se e ser diferente a cada dia, apropriando-se de si mesmo. Quer voltar-se à família e aprender a valorizar e a conviver com os seus. Quer retornar ao trabalho, a fim de ter uma vida digna, expurgada de injustiças e violências. E quer unir-se a Deus onde encontra forças para alimentar seu espírito. É o desvelar-se do ser um homem.

Tal perspectiva de vida não está deslocada da percepção das dificuldades que emergiram na sua prática cotidiana, entretanto a experiência vivida deu suporte para sobrepujá-las e /ou criar outros caminhos possíveis ao alcance de seus novos habitantes.

Passados dois anos, depois da saída de João da Fazenda da Esperança, após a conclusão da residência, ele continua firme em seus propósitos e não abandonou os projetos que escolheu e estabeleceu para si de: Retorno á vida com dignidade. Distante do contexto das drogas, da violência, da criminalidade, do abandono, da rejeição, do álcool, da prostituição, da rua, enfim de tudo o que, experimentou anterior à experiência de ser pessoa, vivencia hoje novas relações e inserção na sociedade.